Memória e apropriações da memória

perfis do educador
Thales Castanho de Andrade

Fernando Luiz Alexandre*

Resumo:

O propósito deste trabalho é analisar o processo de construção dos diferentes perfis do educador e escritor de literatura infanto-juvenil Thales Castanho de Andrade. O ponto de partida desta pesquisa foi o exame de três volumes encadernados de recortes de jornais da Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, referidos como pastas – denominação conferida pela biblioteca pública – e relativos à memória do autor. Para verificar os perfis de Thales Castanho de Andrade e de outras personalidades piracicabanas, foram analisados os discursos da imprensa local, recortados na seleção elaborada para a hemeroteca, que continham temas eleitos pelos articulistas como relevantes na formação das facetas que contribuíram para tornar o autor uma referência para a cidade.

Palavras-chave:

memória; literatura infanto-juvenil; imprensa; educação.

* Pedagogo, formado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), e mestrando do Programa de Pós-Graduação da FEUSP na linha de pesquisa “História da Educação e Historiografia”.

Memory and memory's appropriation

educator Thales Castanho
de Andrade's profiles

Fernando Luiz Alexandre

Abstract:

The purpose of this work is to analyse the construction process of educator and infant-juvenile literature writer Thales Castanho de Andrade's different profiles. The starting point of this research was the examination of three bound tomes of newspaper clippings, at "Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba 'Ricardo Ferraz de Arruda Pinto'", referred like folders, denomination conferred by the public library, relating to the author's memory. To verify the Thales Castanho de Andrade's and other city important people's profiles, were analysed speeches by local press journalists who had elected pertinent subjects which contributed to the making of author's memory and to make him a reference to the city.

Keywords:

memory; infant-juvenile literature; press; education.

1. Apresentação

O objetivo do presente texto é contribuir, na perspectiva da história da educação, para um estudo da obra do escritor de literatura infanto-juvenil e educador Thales Castanho de Andrade, demonstrando, nos limites deste trabalho, a construção de determinados aspectos de sua memória que delineiam os seus perfis mais conhecidos e divulgados, partindo de informações coletadas e organizadas pela Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”. Os conteúdos principais da análise são remetidos aos discursos dos cidadãos piracicabanos divulgados pela imprensa e ao autor em questão.

O material, objeto das observações discutidas neste texto, forma um conjunto de três volumes da hemeroteca da referida biblioteca e será denominado, de agora em diante, de *Pastas de Recortes de Jornais*¹.

Esses recortes organizados sob a disposição de *pastas* adquirem um novo estatuto. Não são mais tão-somente textos jornalísticos. Recortados dos seus antigos suportes, passam a constituir outra materialidade, um novo objeto cultural, o qual guarda marcas da sua produção e dos seus usos enquanto material de imprensa (Biccas & Carvalho, 2000, p. 63). Não são, porém, um impresso. Os percursos de produção e distribuição de impressos, apontados pelas autoras em seu texto, são invertidos na configuração de *pastas*. Teriam ocorrido antes, ainda, quando eram jornais. Mas agora, reunidos aleatoriamente sem ordenação temática ou cronológica, por exemplo, aparecem como uma coletânea reduzida a um único assunto, Thales de Andrade, e organizada pelos funcionários da instituição municipal.

Ao contexto de produção das *pastas*, soma-se outra forma de apropriação dos conteúdos gerando novos produtos culturais pela via das *pastas* e não pelo caminho dos acervos dos jornais originais. Tem-se, então, outro objeto da cultura, que é algo como um impresso reconfigurado, sendo oferecido como uma nova fonte à pesquisa.

1. Inicialmente, os recortes eram acondicionados em pastas A-Z. Com o passar do tempo, foram reorganizados em volumes encadernados. Entretanto, a antiga denominação de *pastas* perseverou entre os funcionários da biblioteca e assim continuam a serem identificados.

As pastas assim compostas também apresentam especificidades no que diz respeito ao seu uso. Em virtude da sua localização, pública e acessível, a Biblioteca Municipal, pode-se dizer que elas ocupam um lugar privilegiado no que se refere à criação de uma estratégia, a saber, a de deixar ler, na delimitação do tema, uma seleção de discursos que colaborariam na formação da memória de Thales de Andrade. Além disso, os conteúdos desses textos também oferecem indícios para a apreensão das possibilidades de consultas do acervo.

As questões, decorrentes da abordagem relativa aos perfis recuperados a partir dessa fonte, ou seja, as *Pastas de Recortes de Jornais* da hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba, apresentam, neste artigo, algumas características semelhantes àquelas identificadas às especificidades das poliantéias, conforme nos informa Catani (1998) em relação à *Polianteia Comemorativa do 1º Centenário do Ensino Normal em São Paulo*. A autora, no texto em que a estuda, menciona suas funções de celebração do campo educacional e de colaboração “para a instauração de uma memória harmônica do espaço profissional” (1998, p. 124). No caso das *pastas*, utilizadas na presente análise, ocorre fato semelhante, se bem que, dessa vez, com a memória construída a respeito do escritor e educador Thales de Andrade e não apenas relacionada ao campo educacional².

Assim, se, por um lado, há a celebração do autor, conforme será averiguado em alguns dos textos examinados, por outro lado, também será possível vislumbrar, em alguma medida, as práticas pedagógica e literária do educador Thales de Andrade, ainda utilizando como fonte o mesmo material. Thales, embora tenha sido a um só tempo professor e escritor de literatura infanto-juvenil, teve projetado mais o seu trabalho literário do que o seu legado como educador. Entretanto, na leitura dos textos selecionados para as *pastas*, depara-se com comentários e depoimentos de ex-alunos sobre as suas aulas, fato que permite o levantamento de questões a respeito do seu pensamento e da sua atuação relativos às questões da educação escolar.

2. O conceito de campo, tal como foi definido por Pierre Bourdieu (1983), é utilizado neste trabalho para auxiliar a caracterização das duas esferas de atuação de Thales Castanho de Andrade: educação e literatura.

Além das pastas, na verificação dos perfis de Thales de Andrade, foi consultada a bibliografia referenciada e o arquivo de jornais do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) para completar e localizar as informações que aparecem truncadas nos recortes.

2. Thales de Andrade: escritor de literatura infanto-juvenil e educador

A partir da segunda década do século XX, um novo escritor de literatura infantil apresentava-se ao seu público. Tratava-se de Thales Castanho de Andrade, ao lançar, em 1919, o conto, publicado pelo *Jornal de Piracicaba*, *A filha da floresta*. No mesmo ano, viria à luz *Saudade*, sua obra mais conhecida. Quais novidades traziam esses livros e quem era esse novo autor?

A filha da floresta apresentava a descrição de uma situação de devastação das matas e alertava para sua necessária proteção, para a preservação das fontes, dos animais e das plantas. Por sua vez, *Saudade* reporta-se ao tema da opção pelo campo em detrimento da vida no mundo urbano. Retrata o cotidiano de uma família que se vê obrigada a vender sua fazenda e se mudar para a cidade. A nova moradia se apresentará à família de Mário, o protagonista da história, como um local repleto de diversidades, as quais os incentivarão a retomar o seu destino original, o retorno ao campo.

Em artigo no *Jornal de Piracicaba* de 23 de julho de 1970, Thales afirmou que escreveu *Saudade* em 1917 (algumas notícias informam que a primeira edição data de 1918, outras de 1919)³ e que teria sido motivado, além de sua vida pregressa nos sítios de seus avós lavradores, por sua atuação em 1912 na Escola Rural da Estação Banharão (Jaú) e

3. Silvio Ferraz de Arruda. “Perfis II – Thales Castanho de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*, 7 maio 1974, (P597, pp.10-11). Nessa matéria do *Jornal de Piracicaba*, Arruda informa que a 1ª edição de “Saudade”, em 1919, teve 1500 exemplares e foi publicada, por conta do governo de São Paulo, em dezembro, com capa de Wash Rodrigues.

pela crítica feita por seus alunos, nesta escola, do livro “achicalhador do roceirinho”, uma das obras apresentadas em aula⁴.

A obra de Thales tinha como leitor idealizado as crianças e os jovens em processo de escolarização, pois como sugere Leonardo Arroyo (1968, p. 163), em fins da década de 1960, já seria o livro *Saudade* uma obra destinada às *leituras escolares*⁵. Esse pesquisador, reproduzindo comentários de críticos e escritores da época, comenta os motivos pelos quais o livro teria ficado famoso: a linguagem próxima à das crianças, a temática nacional, em uma época em que gradativamente se deixavam as traduções européias em detrimento da literatura infantil produzida no Brasil, e, ainda, a “qualidade superior” da obra, se considerada outras produzidas no período (Arroyo, 1968, pp. 187-189).

Ao verificar-se nas *pastas* os depoimentos daqueles que leram *Saudade* na condição de crianças e escolares, é possível constatar certa nostalgia semelhante à explicitada no próprio conteúdo do livro. Muitos dos depoimentos colhidos das pessoas que conheceram o autor, seja como escritor, seja como professor, revelam o carinho com que é recordado e muitas vezes demonstram a influência – do professor ou do escritor – em sua vida ou carreira profissional.

Outros estudos sobre literatura infantil que mencionam o período em torno dos anos vinte do século XX incluem o nome e a obra de Thales de Andrade destacando a sua produção daquele momento, especialmente *Saudade*, e a sua temática mais comum, o mundo rural.

Coelho (1991) atribui o sucesso de Thales ao contexto do mundo pós-guerra (1914-1918). A busca das pessoas por um mundo melhor, mais simples, identificar-se-ia ao conteúdo de *Saudade* e assim justificaria o seu êxito (pp. 223-224).

4. Não se sabe o nome desse livro e não foi localizado para este trabalho.

5. O autor classifica *Saudade* como um livro nascido na fase da “literatura escolar”. Em outro momento do texto, o pesquisador argumenta que esse tipo de literatura está intimamente ligado à literatura infantil, entretanto, surgiu “nos bancos escolares” e vinculado ao sistema de educação. No Brasil, em razão do nosso processo de formação cultural (fundação de escolas, formação de professores, advento de livros de texto), a literatura escolar seria a gênese da literatura infantil (p. 65).

Lajolo e Zilberman (2002), em um de seus trabalhos, ao apontar a “euforia rural” no conteúdo da obra de Thales, detalham alguns aspectos de *Saudade*, salientando que seria intenção do autor propagar “a imagem de um Brasil que encontra na agricultura sua identidade cultural, ideológica e econômica” (p. 40).

Ao informarem dados do autor e de sua obra, em outro texto, as autoras mencionam a denominação “evangelho rural brasileiro”, expressão comum em diversas referências à *Saudade* (Zilberman & Lajolo, 1993, p. 55).

Outros críticos identificam, conforme se verá no decorrer do texto, as obras e atuações do autor à bandeira do ruralismo, embora essas observações não dêem conta do trabalho de apreciação geral da obra. Nesse sentido, caberiam dois questionamentos ainda não elaborados pela crítica: estaria Thales de Andrade, em sua produção literária e na sua ação pedagógica, reduzido ao ruralismo? Essa reiterada visão que se tem do autor a respeito do ruralismo foi construída desde suas primeiras obras?

A bibliografia consultada concentra suas análises nos aspectos relativos à questão da tradição literária na produção de obras destinadas ao público infantil, noutros termos, atenta para a história das transformações desse tipo de literatura, tendo Thales como um dos agentes do setor. No entanto, sabe-se que, ao mesmo tempo, o autor foi professor formado pela Escola Normal de Piracicaba e que, durante grande parte de sua carreira, atuou na educação. Em um de seus textos a respeito do educador Lourenço Filho, Hilsdorf (2002) apresenta Thales como professor e menciona a sua ligação com o grupo de docentes que esteve, em Piracicaba, participando de um dos momentos de implementação da Reforma Sampaio Dória.

Assim, contemplado o aspecto literário, resta salientar, pela sugestão anterior, a ação docente de Thales de Andrade. Em alguma medida, a busca por fontes alternativas de informações poderia sanar essa lacuna. Após a consulta a uma bibliografia básica, foi empreendida uma primeira pesquisa na cidade natal do educador, a qual ofereceria nova oportunidade de conhecimento e de aprofundamento das questões relativas à educação.

3. Em busca das fontes sobre Thales de Andrade: expectativas e perspectivas

Ao chegar a Piracicaba, o pesquisador, em um primeiro momento, ao buscar material relativo ao autor em locais públicos de fácil acesso, naturalmente encontrará, na Biblioteca Municipal, o lugar mais indicado. Ali, em questão de minutos, terá em suas mãos as *pastas* da hemeroteca contendo recortes de jornais locais.

Organizada por temas variados, a hemeroteca dispõe de recortes que tratam desde questões referentes à história de Piracicaba, de suas personalidades e demais assuntos correlatos até problemas do cotidiano. O material é recolhido durante o ano e selecionado em virtude de sua relevância. Se considerado pertinente, pelos funcionários, é confeccionada uma nova *pasta*.

Em algumas delas, é possível colher muitas informações acerca de Thales, considerando que a imprensa local serviu de base para a guarda de parte relevante de sua memória.

A projeção nacional e internacional que ganhou o autor não deixou alheios os piracicabanos que, embora não tenham produzido muitos trabalhos específicos sobre ele – visto que os localizados resultam das próprias pesquisas nos jornais da cidade –, mantêm vestígios de sua presença em algumas referências locais: busto em praça pública, livros publicados, datas comemorativas. Desse modo, todo esse contexto de informação e rememoração pode ser facilmente remetido às pastas, ou materiais a elas análogos, perfazendo dessa maneira um significativo conjunto de dados que encerra a memória relativa a Thales de Andrade. Memória essa entendida como aquelas formas descritas por Jacques Le Goff (2003), dentre as quais estariam previstas “a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável”, enfim da inscrição do autor, mas também a memória que considera o “documento/monumento” como suporte (pp. 427-429). Ampliando o conceito, a memória, ainda segundo esse mesmo autor, é vista como um “fenômeno individual e psicológico” vinculado à vida social, variando de acordo com a presença ou a ausência da escrita e sendo

objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história, acumular objetos. A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo [Le Goff, 2003, p. 419].

3.1. *Descrindo as pastas de recortes de jornais*

Não foi possível determinar o início preciso da prática da hemeroteca nem das pastas dedicadas ao tema Thales de Andrade, embora a concentração de matérias dos anos de 1970 indique ser essa a época provável. Nesse sentido, não há quaisquer registros que mencionem a data de tombamento das pastas, até porque os próprios números de tombamento variam de acordo com as determinações dos funcionários que substituíram os anteriores no sistema de rodízio realizado junto a esse setor. Assim, pode-se dizer que, apesar de tratar da memória da cidade, não houve a preservação da própria memória do acervo. A hemeroteca é também caracterizada por sua transitoriedade. Esta é justificada pelos funcionários da biblioteca em virtude de fatores como limitação do espaço físico e ausência de recursos que pudessem conservar todo o material, como a microfilmagem ou a digitalização. Dessa forma, determinou-se o critério da seleção do acervo da hemeroteca: os recortes são preservados enquanto forem considerados relevantes e apresentarem atualidade, sendo descartados tão logo os temas dos quais tratam apareçam em outros tipos de publicações, exceção feita às notícias sobre Piracicaba, dentre os quais aparecem os concernentes a Thales de Andrade.

Os recortes sobre Thales, encadernados em três volumes espiralados⁶ em tamanho ofício e encapados em plástico transparente e preto – capa

6. Identificados na biblioteca conforme relação a seguir: P597, com 50 páginas numeradas no canto inferior direito; P598, com 30 páginas sem numeração; P599, sem numeração até a página 13 e numeradas a partir daí até a página 30. A letra “P” identifica os volumes com textos relativos à Piracicaba e os números identificam a ordem de tomo. Esses volumes estavam, na ocasião da primeira visita à bibliote-

e contracapa, respectivamente – são, até onde foi possível verificar, de jornais piracicabanos publicados entre os anos 1970 e 1996, sendo que dezenove textos datam dos anos de 1970, época do falecimento de Thales de Andrade, em 2 de outubro 1977. Outro período rico em informação é a década de 1980, com quinze textos, nove dos quais pertencentes a uma série sobre o autor escrita por Newton Nebel dos Santos e seis compostos para outra série a cargo de João Chiarini. O ano das comemorações do centenário do nascimento do autor, 1990, deixou dezesseis registros escritos sobre Thales nas pastas consultadas. Apenas um deles tem data de 1996. Portanto, apesar do início de sua carreira profissional ter sido nos anos de 1920, os registros datam das décadas de 1970, 1980 e 1990. Encontra-se nas pastas somente uma matéria datada de 20 de maio de 1919, mesmo assim, essa data é uma referência ao dia em que foi escrita e não o de sua publicação. Posteriormente, ao ser confrontado com o jornal, arquivado no IHGP, foi possível verificar a sua origem: trata-se do texto “A filha da floresta”, de autoria de dr. Ozório de Souza, publicado na edição de 22 de maio de 1919 da *Gazeta de Piracicaba*.

Há 18 textos sem registro de datas, alguns deles sem identificação de origem, dificultando, dessa maneira, a determinação do dia da publicação ou do veículo.

No conjunto de recortes, encontram-se 96 matérias escritas. São artigos (a maior parte deles), crônicas, notícias, notas, pequenas reportagens, poesias, cartas remetidas ao autor, a reprodução de uma página de um dicionário de autores paulistas com biografia de Thales e, em outras quatro folhas, a mesma informação datilografada, um editorial, repetido cinco vezes com diferentes datas, um discurso do presidente da Câmara Municipal de Piracicaba, um cartão postal e outros textos de autores não identificados. As pastas contam também com algumas ilustrações, sugerindo páginas de rosto de matérias, de cadernos e de suple-

ca, entre os dias 19 e 21 de julho de 2004, identificados pelos números 2842, 2845, 2846 na folha de rosto de cada um deles. Em visita mais recente – entre os dias 18 a 21 de julho de 2005 –, foi constatada a substituição desses números por essa outra forma de identificação. Por ocasião da redação deste artigo, em nova consulta aos funcionários da biblioteca soube-se que a numeração havia novamente sido alterada.

mentos especiais sobre o tema. Um ou outro texto é acompanhado por ilustração ou fotografia.

As fotografias, por sua vez – das quais não se tratará aqui –, somam um total de 32 e apresentam como tema recorrente homenagens ao autor. Assim como os registros escritos, ocorrem as repetições das fotografias e ilustrações. Parcela significativa delas tem como motivo o rosto de Thales o qual, repetido em duas ou três versões diferentes, constitui um dos ícones do autor e da sua obra.

O primeiro volume, P597, contendo 50 folhas, numeradas no canto inferior direito à caneta e identificado da mesma forma pelo número 1 ao cabeçalho, apresenta na página de rosto uma biografia datilografada do autor, intitulada “Thales Castanho de Andrade”. A sua procedência é indicada pela referência ao final da folha e reproduzida da seguinte forma: “MELO, Luiz Correia de. Dicionário de autores paulistas. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. p. 58”. Cópias da mesma informação são distribuídas por dois dos três volumes como se segue: P597, p. 1, 3; P599, p. 4⁷ (nesse caso, como cópia impressa da página do dicionário com o verbete mencionado), 9 e 20. Consultada a respeito, a bibliotecária informou desconhecer a procedência dessas páginas datilografadas com a biografia do autor. No entanto, é inquestionável a escolha do verbete desse dicionário como página inicial da pasta para a legitimação e autenticação da expressividade de Thales de Andrade e do valor da sua obra, como um autor das letras paulistas.

São ainda do volume P597 três matérias assinadas pelo próprio Thales, sendo que duas delas são identificadas como parte de uma série denominada “Fumaças...”. Outros autores piracicabanos se destacam pelo número de textos nesse primeiro conjunto de recortes: Silvio Ferraz de Arruda, Hugo Pedro Carradore, Helly de Campos Melges, Mário Pires e o já citado Newton Nebel dos Santos apresentam dois cada, sendo que deste último estão os dois primeiros de uma série de nove textos

7. Consideradas as inconstâncias da numeração das páginas, as referências seguirão a ordem crescente a partir da página de rosto nas três *pastas* consultadas.

distribuídos entre o volume P597 e P599. Os textos de João Chiarini, em um total de sete desse conjunto, também compõem uma série relacionada a Thales.

O segundo volume, P598, é identificado, na página de rosto, por *Piracicaba – Thales Castanho de Andrade “Personalidades” – 1990*. Contém 30 páginas sem numeração. Tem como destaque a repetição, por três vezes, do editorial de Losso Netto, denominado de “Os oitenta e três anos de Thales de Andrade”. Originalmente, o texto foi escrito para o *Jornal de Piracicaba* em 15 de novembro de 1973. Há duas reproduções datadas de 26 de agosto de 1990 e uma sem data. Outro texto repetido é “O Centenário de Thales de Andrade”, de Adriano Nogueira, artigo da edição de maio de 1990 do encarte “Linguagem Viva” do jornal *A Tribuna Piracicabana* e publicado também pelo *Jornal de Piracicaba* no dia 27 do mesmo mês e ano.

Nesse mesmo volume, há diversos recortes de 15 de setembro de 1990. Trata-se do caderno denominado “Presença”, editado em comemoração ao centenário do nascimento de Thales de Andrade. Apesar do recorte com o subtítulo “Suplemento Cultural do *Jornal de Piracicaba* – n. 14 ano II” e ilustrações à página 7, marcando o início da publicação, os textos não se encontram identificados, nem por nome do jornal nem por data, dificultando determinar quais deles fariam parte do mesmo material. Somente se pôde identificar a origem e verificar a ordem das matérias, de acordo com a edição original, a partir da confrontação com um exemplar completo localizado posteriormente em mãos de uma autora do suplemento. Na ocasião, foi possível observar que todos os textos desse caderno, apesar de recortados, estavam reorganizados na *pasta* no mesmo sentido de diagramação do jornal, exceção feita a uma caricatura do autor e ao título do suplemento, ausentes no conjunto de recortes.

No terceiro volume, P599, há a reprodução em xerox de quatro cartas manuscritas de alunas de uma escola pública de São Paulo, comentando e elogiando o livro *A filha da floresta*, escritas em 5 de junho de 1919, conforme as datas de duas delas. Essas cartas não estão acompanhadas de qualquer informação que possa identificar a sua origem. Ao lado de uma delas, há uma reprodução de um marcador de página, identificado como tal, impresso pela Companhia Melhoramentos de São

Paulo, anunciando a coleção Encanto e Verdade⁸ e uma pequena nota que acusa o recebimento do conto “A filha da floresta”. Junto à outra missiva, observa-se uma pequena notificação relatando a publicação de alguns livros de Thales. Em ambas, não há menção de autor, nome do jornal ou data de publicação.

Posteriormente, em consulta ao acervo do IHGP, foi possível verificar a origem das cartas a partir da leitura de um texto do *Jornal de Piracicaba* tratando justamente do seu envio ao autor⁹. Por essa via, foi possível saber que, na ocasião, o jornal selecionou (com Thales de Andrade?) três missivas recebidas e as publicou, são elas as de autoria das alunas Maria de Lourdes Fonseca, Lygia de Aquino e Silva e Ebbe Angelotte. As duas últimas constam na referida *pasta* acompanhadas das cartas de Alexandrina Barretti e de Antonietta Calline. Dessa forma, somando-se todas, chega-se a um total de cinco cartas recuperadas.

Marcam também esse volume peculiaridades como as duas últimas reproduções do editorial já citado de Losso Netto, o texto do dr. Ozório de Souza, “A filha da floresta”, datado – conforme confrontação com o artigo original da *Gazeta Piracicabana* no IHGP – de 22 de maio de 1919, sete crônicas da série “Fumaças” de Thales de Andrade e os oito textos seriados de Newton Nebel dos Santos.

3.2. Os usos das pastas de recortes

No que se refere aos usos das *pastas* de recortes para a presente análise, observou-se algumas das opções feitas por Silva (2004) em seu trabalho *A Reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais* (Rio de Janeiro, 1927-1930). Ao realizar o seu estudo, Silva afirma que duas

8. A coleção Encanto e Verdade, da qual resultaram 25 livros, nasceu, segundo o autor, juntamente com o seu primeiro conto, “A filha da floresta”, lançado pelo *Jornal de Piracicaba* em 1919. Posteriormente, seria publicada pela Editora Melhoramentos e ilustrada por Francisco Richter. Em 1967, a coleção foi reeditada em um único volume, dessa vez, entretanto, apenas como uma seleção de seis contos: *A filha da floresta*, *El-Rei Dom Sapo*, *Dona Içá Rainha*, *O mistério das cores*, *O sono do Monstro* e *Caminho do céu* (Andrade, 1967).

9. “A filha da floresta”, *Jornal de Piracicaba*, 27 ago. 1919.

motivações o levaram a utilizar notícias de periódicos: “(1) os periódicos enquanto instrumentos de construção de representações [...]; (2) os periódicos como veículos de circulação de representações” (2004, pp. 16-17).

Tanto a primeira quanto a segunda opção são também passíveis de serem aplicadas ao caso desta verificação de possibilidades de construção do perfil de um autor. No caso de Silva, as consultas em recortes de jornais e revistas serviram para dar voz às pessoas que construíram representações acerca da educação, sendo que havia uma grande diversidade de profissionais naquela empreitada: educadores, médicos, engenheiros, arquitetos etc. Em relação à observação do potencial de construção de perfis de Thales de Andrade, também é possível verificar uma considerável diversidade de pessoas escrevendo a respeito de um só assunto, ainda que dessa vez não seja, como no caso do autor do Rio de Janeiro, a educação, e sim um educador e escritor de literatura infantil.

Da mesma forma, os veículos consultados sugerem que foram atingidos os objetivos de fazer circular as representações e de fazer emergir diferentes apropriações – formas, maneiras de ler e outros produtos de leituras. As matérias publicadas pelos diversos jornais, presentes nessa coletânea organizada pelos funcionários da Biblioteca de Piracicaba, dão o testemunho de como esse material foi realimentando e consolidando visões sobre Thales de Andrade, por meio dos discursos de seus concidadãos e, por conseqüência, por sua cidade.

Nesse aspecto, observou-se um determinado tom repleto de elogios e homenagens, o qual, aparentemente, não é o reflexo de uma seleção intencional como no caso verificado pelo trabalho de Silva, quando menciona que os recortes de jornais, doados por Fernando de Azevedo ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), devem ter passado pelo crivo desse educador antes de serem entregues ao instituto (Silva, 2004, p. 18). No caso do conjunto de recortes temáticos referentes a Thales – provavelmente sem a sua interferência –, o resultado poderia estar mais identificado com o próprio trabalho de coleta desse material, com as opções metodológicas utilizadas para o seu preparo e, possivelmente, com a disponibilidade dos jornais piracicabanos – eleitos para a confecção das *Pastas de Recortes* – que se dedicaram ao tema Thales de Andrade.

Uma última observação relativa à utilização da conceituação, mencionada por Silva, diz respeito ao caráter subjetivo dos discursos. Os elementos que servem à reflexão são compostos, afirma o autor, no embricamento das informações da memória individual com outras perspectivas oferecidas sobre a época. O assunto Thales de Andrade apresenta, nesse sentido, uma peculiaridade ao se tentar estabelecer um diálogo com o texto de Silva. Neste, têm-se discursos que, embora caminhem favoravelmente no sentido da divulgação da Reforma da Instrução de Azevedo, encontram uma voz dissonante¹⁰ que propicia, já a partir desse momento, a matização das informações dadas. O mesmo parece não ocorrer quando se aborda o assunto Thales de Andrade. Todos os discursos, independentemente do fato de terem sido gerados por veículos diferentes, parecem convergir para a formação de um único bloco de representações do que significou a presença desse autor como educador e como escritor de literatura infantil para a cidade. Nessa perspectiva, parece mesmo ser um discurso único da própria Piracicaba em relação a Thales Castanho de Andrade¹¹.

Essa convergência de pronunciamentos poderia indicar uma estratégia de formação de ações solidárias e de fortalecimento dos laços entre os agrupamentos de intelectuais piracicabanos? É possível observar esse mesmo movimento feito por Thales ao fazer homenagens às personalidades da região em seus textos – destacados a seguir – também publicados pela imprensa da cidade? E, posta a questão dessa maneira, em que medida estaria o próprio autor colaborando para a elaboração dos

10. Trata-se de uma crítica de Jayme Pombo Bricio Filho, professor de química do que era anteriormente a Escola Normal e que foi, na administração de Azevedo, afastado do cargo. O professor posiciona-se contra a reforma, utilizando-se do jornal *O Globo*, no qual tinha uma coluna (Silva, 2004, pp. 19-21).

11. Considerando o trabalho de Silva, talvez fosse possível realizar um levantamento das mesmas marcas de construção de um discurso da cidade em relação a Azevedo. O seu objetivo, entretanto, é outro, o de considerar as representações dos tempos escolares, idealizados em virtude das mudanças empreendidas no Rio de Janeiro na década de vinte do século passado, para a análise e discussão do que esteve envolvido nas divergências de propostas de reestruturação escolar no período e no ambiente urbano daquela cidade.

seus perfis? Essas questões indicam alguns dos caminhos a serem percorridos na análise desses recortes e da sua composição como documento de consulta e pesquisa.

A síntese de vozes dessas construções discursivas será retratada nos jornais e posteriormente nas *pastas*, mas sem deixar de estar marcada por sua origem na educação – ex-alunos, professores e demais elementos da carreira do magistério – e na literatura que também, em última instância, está imbricada com os agentes do campo da própria imprensa. Em outras palavras, pode-se dizer que, na construção dos perfis relativos a Thales de Andrade, mediada pela imprensa, encontra-se um determinado número de pessoas que se aproximou do autor por caminhos que convergiram para a sua produção literária, para a sua prática pedagógica ou, ainda, para ambos os campos de atuação, à medida que uma se tornou conseqüência da outra.

4. O autor nas *Pastas* de Recortes: quem constrói e como se constroem os perfis?

4.1. *O discurso da cidade/Biblioteca*

É notório que a História é feita de fatos que são perpetuados por meio de monumentos, objetos, documentos, manuscritos, livros e principalmente, de depoimentos dos próprios personagens que deles participaram. Os dados apresentados em nossos “Perfis” são colhidos exatamente dos depoimentos pessoais das personalidades e dos currículos por eles apresentados. Portanto, invadir a nossa seara, qual seja a da pesquisa histórica e não científica, para formular críticas atinentes a dados que nos foram diretamente fornecidos e em hipótese alguma posteriormente alterados, não tem qualquer fundamento [Arruda, 7 maio 1974, p. 11]¹².

12. Silvio Ferraz de Arruda. “Perfis II – Thales Castanho de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*, 7 maio 1974, (P597; p. 11).

A quem é dirigida essa crítica, escrita por Silvio Ferraz de Arruda em 1974 para a série *Perfis II*? Provavelmente, a resposta a essa pergunta seria encontrada a partir do acompanhamento das edições do *Jornal de Piracicaba* ou de outro periódico da imprensa local que indicasse a seqüência das discussões relativas à apresentação desses “perfis”. Entretanto, é de outra ordem o problema que se pretende destacar. Em vez de solucionar a questão, é possível argumentar que a dificuldade de obter essa resposta está justamente no fato de ser o referido artigo o resultado de uma seleção composta pelo novo contexto das pastas de recortes definida pelo tema Thales Castanho de Andrade.

Pode-se também questionar a visão positivista do autor, quando defende a não intervenção ou análise interpretativa de dados apresentados. Mas, também aqui, não interessa essa discussão a não ser para salientar que as informações vindas a público estão a serviço da apresentação de “perfis”, como os nomeia o autor. É nesse sentido que ganha relevância a asserção de Arruda, pois oferece indícios das formas de construção dos perfis sugeridos e demonstrados reiteradamente.

O texto de Arruda, embora esteja completo na P597, recebeu – como muitos outros das pastas – nova composição em decorrência do recorte do jornal: há antes do título “Thales Castanho de Andrade” o nome “Perfis” seguido do numeral “II”, o que indica obviamente uma seqüência. Dentro dos limites impostos pela seleção, foi impossível verificar qual teria sido o “perfil” anterior, se houve outro a seguir, quantos foram escritos ou ainda, quais seriam as personalidades objeto dessas produções. De qualquer modo, o conteúdo do texto é semelhante a diversos outros encontrados nas três *pastas*: apresenta a biografia de Thales Andrade; sua trajetória profissional, como professor e escritor; e os temas eleitos pelo autor presentes em suas diversas publicações, como por exemplo, o destaque para o tema rural. Nesse sentido, também são objetos desta e de outras matérias os epítetos que vão sendo atribuídos a Thales: “alma de criança”, “a maior criança grande do Brasil”; e à sua obra *Saudade*: “O evangelho do Ruralismo”.

O termo “perfil” surgira já em outra voz da imprensa piracicabana e na mesma *pasta* P597, na notícia publicada pelo jornal *O Diário* em

11 de novembro de 1973¹³. Sob o título de “O II Concurso de Poesias ‘Thales de Andrade’” lê-se, além dos dados referentes ao acontecimento em sua segunda edição, no subtítulo “Perfil de Thales”, uma pequena síntese biográfica seguida de informes sobre as ações do autor como diretor – nos anos de 1930 – do “Grêmio Normalista do ‘Sud Mennucci’”, uma das entidades promotora do evento.

Portanto, trilhando esse caminho, do acolhimento de matérias que se assemelham por apresentar e reapresentar idéias, em processos de reiteração e atualização os quais solicitam legitimação em informações anteriormente publicadas expandindo os limites da memória, talvez seja possível sugerir, como hipótese, a possibilidade da sedimentação de perfis construídos com base em um mesmo tipo de discurso originário da imprensa piracicabana. Nesse sentido, a cidade representada por jornalistas, escritores, artistas, enfim intelectuais que, de alguma forma, delimitam o espaço de atuação em sua própria urbe, contribuiria para a edificação de uma de suas personalidades. Daí o conceito de discurso da própria Piracicaba em relação a um dos seus concidadãos, conforme se tentará verificar nos exemplos a seguir.

Ao desembarcar do trem da Companhia Paulista na estação de São José do Rio Preto às dezenove horas e trinta minutos, meia hora adiantado ao horário combinado, um senhor observa que na referida estação ninguém o está aguardando. Do outro lado da rua vê, através de uma janela, uma sala de aula e uma professora escrevendo em um quadro negro. Atravessa a rua, chega até à porta e observa o interior da sala. A professora volta-se e indica-lhe a carteira onde deve sentar-se enquanto aguarda os procedimentos para a sua matrícula. O senhor assim procede. Após alguns minutos, chegam à sala diversas autoridades, entre elas o delegado de ensino e o prefeito da cidade. A professora exclama que é uma honra recebê-los em visita a sua classe. O prefeito lhe informa, então, que ali estão todos, pois vieram ao encontro do senhor secretário da Educação, o professor Thales Castanho de Andrade, o qual se encontra de pé no fundo da sala.

13. “O II Concurso de Poesias ‘Thales de Andrade’”, *O Diário*, 11 nov. 1973 (P597, p. 9).

O relato encontra-se no livro *Thales de Andrade: uma história verdadeira*, de Hugo Pedro Carradore (2004), escritor piracicabano e um dos memorialistas de Thales de Andrade. A sua narrativa identifica-se com as informações apresentadas pelos demais veículos de informação de Piracicaba, ao referir-se ao escritor e educador Thales de Andrade. Ademais, as fontes subsidiárias para o livro de Carradore são, de maneira geral, as diversas publicações da cidade reproduzidas nas *pastas*, além de sua própria memória, já que esse escritor se tornou amigo do autor, como informa ao leitor no mesmo livro:

Conheci Thales em São Paulo em 1940, no terceiro ano do curso primário do Colégio Rio Branco, quando minha inesquecível professora dona Soledade Santos colocou-me nas mãos um livro chamado SAUDADE.

Depois, nos idos de 1950, em Piracicaba, tive a ousadia de me apresentar a Thales e me tornar seu amigo [2004, p. 17].

Noutra passagem, salientando o caráter de seu texto, Carradore menciona a sua preocupação em ser o mais didático possível a fim de facilitar a leitura dos jovens e que “A crítica da produção literária contida [do livro], é uma antologia de depoimentos feito por educadores, escritores, poetas, jornalistas, em suma, de figuras nomeadas nas letras, nas artes e na educação” (idem, p. 18).

Qual memória é trazida pelo registro anterior? Certamente, não apenas a de Carradore. Embora esse autor tenha convivido com Thales, o evento descrito se passa noutro tempo e é relatado por outras pessoas. Pode ser lido como um texto de memória coletiva e também a respeito de um campo em formação, conforme as indicações no texto de Catani (1994), “Memória e biografia: ‘O poder do relato e o relato do poder’ na história da educação”. Esse trabalho oferece subsídios para essa análise na medida em que faz sobressair perfis de educadores, ao abordar diretamente a questão da profissionalização docente no Brasil republicano e o processo de constituição do campo educacional. Esses temas também surgem no decorrer deste artigo, embora de maneira periférica, já que não serão aprofundadas as questões concernentes aos campos ou à for-

mação docente, mas sim as representações em relação à posição – e às práticas – de um determinado sujeito em, pelo menos, dois campos em formação, a educação e a literatura.

Catani também discorre sobre a “sacralização” do processo de constituição do campo educacional e de categorias de interpretação aplicadas ao trabalho docente, verificadas a partir da análise de dois escritos biográficos – o de João Lourenço Rodrigues, *Um Retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo* e o de José Feliciano de Oliveira, *O Ensino em São Paulo: algumas reminiscências* – e um documento de celebração, a *Poliantéia Comemorativa do Primeiro Centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946)*. Catani demonstra algumas representações de perfis de educadores e sugere o tom de celebração e sacralização presente nas representações discursivas. Da mesma forma, os testemunhos sobre a vida escolar e a celebração do autor e educador Thales de Andrade também colaboram para a “instauração de uma memória harmônica”, se não do espaço profissional do educador, ao menos das representações construídas a respeito do autor de *Saudade*, o seu livro de maior expressão.

No caso de João Lourenço Rodrigues, assim como seus contemporâneos, há o discurso nostálgico de um período anterior, no qual a educação brasileira teria atingido o seu ápice, a virada do século XIX para o século XX, e conseqüentemente a instauração da visão do seu tempo, as duas primeiras décadas do século XX, visto como “um período um pouco obscuro”, como “anos de penumbra”. Essa nostalgia fornece paradigmas de análise dos problemas educacionais da época e reafirma a existência de tradições a serem cultivadas ou celebradas, fortalecendo os limites do espaço profissional que então era organizado (Catani, 1994).

No que se refere às análises dos recortes de jornais que compõem as *pastas* sobre Thales de Andrade, vê-se uma outra faceta, mais vinculada à memória do professor, se bem que fragmentada nos diversos textos verificados. Memória que, por sua vez, vincula-se à exaltação e à sacralização do autor e educador e, portanto, relacionada à representação de um indivíduo, em conformidade com a que irá aparecer do próprio João Lourenço na poliantéia anteriormente mencionada, e da exaltação de professores feitas por José Feliciano ao construir perfis de

educadores do seu tempo, como os de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, de Miss Márcia Browne, de Carlos Escobar, Artur Breves e Gabriel Prestes (Catani, 1994).

Na grande maioria dos textos presentes nas *pastas*, percebe-se um tom de exaltação à figura de Thales de Andrade. Exemplo típico é o editorial do jornalista piracicabano Losso Netto¹⁴, no qual são feitos comentários comparando *Saudade* com o *Cuore* do escritor italiano D'Amicis, “pela poesia que ressuma, pela pureza que destila, pela inspiração quase divina de sua mensagem”. A comparação, já anteriormente realizada, dentre outros, por Monteiro Lobato¹⁵ em 1920, serve também para atribuir à obra uma dimensão universal. Essa recorrência ao livro do autor italiano surge em diversos outros textos como exemplo de similaridade em qualidade ou do modelo literário surgido no Brasil.

Ainda no editorial, à exaltação o autor adiciona um elemento homólogo ao conteúdo de *Saudade*, a reminiscência a respeito da região, das crianças e da escola: “Não é exagero dizer-se que Thales de Andrade é uma instituição piracicabana”, afirma Losso Netto, dessa vez enfatizando o caráter regional da obra sem descuidar, todavia, do alcance geográfico, pois segue afirmando que Thales, “professor predestinado – alma ingênua [...] conseguiu o milagre da comunicação com todas as crianças brasileiras [...]”. Informa ser *Saudade* um livro no qual Piracicaba está retratada em seus ribeirões, casas, terreiros, nas “caçadas ingênuas dos meninos pelas capoeiras” e onde a escola Luiz de Queiroz “ali se encontra enquadrada carinhosamente como a ‘mais importante escola agrícola da América’”.

A atenção às crianças e à escola Luiz de Queiroz aparece em diversos outros textos, como no caso de “Thales – O piracicabano de dimensão nacional”¹⁶, escrito por Helena Rovay Benetton – na época diretora

14. Losso Netto. “Os 83 anos de Thales de Andrade”, *Jornal de Piracicaba*, 26 ago.1990, “Estante” (P598, p. 5); *Jornal de Piracicaba*, 26 ago. 1990 (P598, p. 9); *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1973 (P599, p. 13); *Jornal de Piracicaba*, 15 nov. 1973 (P599, p. 29).

15. Monteiro Lobato. “Saudade”. *Jornal de Piracicaba*, 24 fev. 1920.

16. Helena Rovay Benetton. “Thales – O piracicabano de dimensão nacional (cognome que lhe deu o Jornal de Piracicaba)”. *Jornal de Piracicaba*, 12 ago. 1990 (P598, p. 4); *Jornal de Piracicaba*, 12 ago. 1990 (P599, p. 24).

do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes –, no qual lembra a admiração de Thales pela Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz” e os muitos alunos que ali estudaram estimulados por seus livros. Além de resgatar as trajetórias de vida e profissional do autor, elemento comum à grande maioria dos textos, Benetton menciona a participação de Thales na Revolução Constitucionalista de 1932¹⁷, as suas atividades como promotor da “Festa do Milho” e sua iniciativa para a fundação do curso de “Alfabetização de Adultos”. “Com os seus alunos normalistas promoveu o lançamento da “Histórias de História” (livro feito com o conjunto da turma e que foi publicado graças ao empenho do autor). Cita ainda a sua faceta “ecológica”, descreve algumas das homenagens e lista uma série de livros publicados por Thales de Andrade.

No mesmo artigo, Benetton recorre também a um procedimento já apontado neste texto, a saber, o de aproveitamento de informações anteriormente citadas. Nesse caso, trata-se da utilização da série de textos de Newton Nebel dos Santos. Esse articulista, por sua vez, relata que o envolvimento de Thales na fundação do clube infantil de horticultura “ensejou à Sociedade de Alberto Torres, a Instituição Nacional dos Clubes Agrícolas Escolares”, que entre as décadas de trinta e quarenta, multiplicar-se-iam de forma significativa. Santos descreve o empreendimento de Thales na criação da revista *O Colibri*, órgão voltado para a divulgação dos clubes¹⁸.

Observou-se que o termo ecologia, relacionado ao escritor, surge em muitas das produções dos autores locais. Segundo o comentário de José Maria Ferreira, no texto “Thales de Andrade: escritor e mestre-escola”¹⁹, isso indicaria o seu posicionamento em relação às coisas da terra. Nesse

17. Newton Nebel dos Santos também informa no artigo “Thales Castanho de Andrade – III”, publicado na *Tribuna Piracicabana* em 2 out. 1983: “Em 1932, Thales de Andrade, foi membro do M.M.D.C., de Piracicaba. Como voluntário serviu no Batalhão dos Professores durante o período todo da ‘Revolução Constitucionalista’” (P599, p. 33).

18. Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – IV”, *Tribuna Piracicabana*, 6 nov. 1983 (P599, pp. 40-41).

19. J. M. Ferreira. “Thales de Andrade: escritor e mestre-escola”, *Linguagem Viva*, ago. 1990 (P599, pp. 25- 26).

sentido, ecologia para Thales demonstraria a um só tempo a sua defesa do meio ambiente e de uma “agricultura racional”. Adriano Nogueira, em “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”²⁰, tratou do tema de forma semelhante. Ao mencionar *A filha da floresta*, afirma que o autor, “em linguagem singela”, mostra ao seu público “o mal que causam as derrubadas, a necessidade da proteção aos animais e às aves, o carinho com que devem ser tratadas as árvores, as fontes, e a natureza”. Seguindo a uma das marcas recorrentes nas *pastas*, a de atualização dos temas, é preciso salientar que o termo ecologia referido a Thales começa a aparecer nos recortes datados a partir da década de 1970, estando, a maior parte dos comentários, nas matérias do ano de 1990. Antes desses períodos, as referências à terra e às coisas da terra são remetidas a interesses como a defesa das matas e incentivos ao reflorestamento, à organização dos clubes de horticultura, à festa do milho e àqueles identificados com o ruralismo²¹.

Outro expediente é utilizado em um dos recortes para a consolidação da imagem do autor. Trata-se da menção a uma personalidade reconhecida. No texto “Thales de Andrade – centenário de nascimento”²²,

20. Adriano Nogueira. “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”, *Linguagem Viva*, maio 1990 (P599, p. 28).

21. A verificação acerca do tema pode ser feita pelo recente trabalho de Marly Therezinha Germano Perecin (2004) *Os passos do saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*, texto no qual, segundo a autora, o ruralismo se apresentava, durante a Primeira República, como a reação às mudanças estruturais pelas quais passava o país. O processo de valorização das sociedades européias e norte-americanas, servindo de modelo de civilizações industriais, modernas, urbanas, em contraposição ao Brasil, país destituído de escolas, mergulhado em crises, sugeria aos agrossenhores a apresentação do campo como local no qual a modernização era possível e factível. A produção seria levada a cabo pela agroindústria, vocação e destino nacionais, a agricultura, seria regenerada pela ciência. Jorge Nagle (1974), em seu texto *Educação e sociedade na Primeira República*, por sua vez, indica parâmetros semelhantes. Menciona maior influência dessa corrente de idéias sobre desenvolvimento do nacionalismo do que sobre a educação, embora não negue algum alcance em relação às práticas escolares, e aborda outro aspecto do conceito, mais presente do que a ruralização: a regionalização do ensino – processo no qual o esforço seria no sentido de ajustes dos padrões culturais e de ensino às particularidades da vida social na qual a escola estivesse inserida.

22. Adriano Nogueira. “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”, *Linguagem Viva*, maio 1990 (P599, p. 28).

Adriano Nogueira comenta a fala de Antonio Cândido, em 1985, em um evento promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE), a respeito da memória de sua formação intelectual:

[...] sobre os livros que mais influenciaram na sua formação intelectual citou “Saudade”, e sobre a obra e seu autor – Thales de Andrade – proferiu palavras carinhosas, recordando quanto de prazer, na sua adolescência, a leitura desse livro lhe proporcionou.

4.2. As agremiações de intelectuais

Na observação dos conteúdos das pastas, considerou-se a possibilidade de articulações em torno do grupo de intelectuais piracicabanos, do qual fazia parte Thales de Andrade, no sentido da produção de discursos que reforçasse a perspectiva de construção de perfis do autor. Essas vozes da cidade, refletidas nas pastas de recortes da biblioteca²³, apresentam exemplos de aproximação de Thales com o *Jornal de Piracicaba* e alguns indícios de como pode ter sido utilizado esse veículo para a divulgação de seu trabalho literário, além da sua aproximação com outro campo de atuação diferente da educação, a própria imprensa.

No editorial já mencionado²⁴, Losso Netto aponta a ligação histórica daquele autor com o jornal, pois além de realizar a primeira edição de *Saudade*, o periódico o tinha como colaborador, ao lado de Sud Mennucci, Leo Vaz, Pedro Crem, João Silveira Melo, Pedro Krahenbuh, André Tarsia e Lourenço Filho.

J. M. Ferreira²⁵, em reportagem posterior, reafirma os laços de amizade e solidariedade que unia no grupo que denominou de Bloomsbury

23. A coleção de recortes e, portanto, a Biblioteca Municipal de Piracicaba, também se manifesta como uma dessas vozes na medida em que dá visibilidade a um conjunto de documentos reforçando os diversos discursos e, assim, recriando o seu próprio.

24. Losso Netto. “Os 83 Anos de Thales de Andrade”, *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1973 (P599, p. 13).

25. Jose Maria Ferreira. “Thales de Andrade e o Bloomsbury Caipira”, *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1990. *Presença*. (P598, pp. 10-11).

Caipira²⁶; além de Thales de Andrade, Marcelino Ritter, Leo Vaz, Sud Mennucci, Lourenço Filho, Breno e Pedro Ferraz do Amaral, Cincinato Braga, Hélio Damante, Octacílio Silveira de Barros, Hélio Hoepfener e Jacob Diehl Neto. Lista a seguir uma segunda geração – Bloomsbury II – destacando Mário Neme, Antonio Oswaldo Ferraz e Jaçanã Altair Pereira Guerrini. Inclui ainda, para não deixar incompleto tal agrupamento, os maestros Fabiano Lozano e Benedito Dutra Teixeira, tendo este último composto uma valsa utilizando *Saudade* como tema, Alípio Dutra – ilustrador da primeira edição de *A filha da floresta* – e Pádua Dutra, pintores. Ferreira ainda acrescenta, em nota de rodapé, como componentes da segunda geração do Bloomsbury, os autores de *Histórias e história*, livro de contos realizado por eles, quando alunos de Thales, a partir de suas aulas e que faria parte da celebração do Centenário da Independência. Compunham o grupo Mercedes Dias de Aguiar, Bento Lordello, Virgínia Del Nero e Orlandina Pereira Sodero²⁷.

O artigo ainda traz uma informação relevante para a apreciação das relações de Thales de Andrade junto a esse grupo. O jornalista informa que, no início, Thales era visto com certa reserva pelos outros. Aponta, como provável razão para isso, aspectos relacionados com sua aparência, o seu temperamento – “ar bonacheirão” – e “o seu horroroso (e provavelmente cultivado) sotaque caipira [...]”²⁸.

Neste ponto, seria conveniente lembrar o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2004), que ao se referir à noção de campo explica que estes “são lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e

26. O termo “Bloomsbury” refere-se a uma afirmação do jornalista J. M. Ferreira, no suplemento cultural do *Jornal de Piracicaba* de 15 de setembro de 1990: [Os intelectuais piracicabanos] “compunham um ‘Bloomsbury caipira’, pois a intensa vida cultural e artística que desenvolviam, além de referências culturais comuns, era atravessada por laços de parentesco, amizade e compadrio que garantiam a coesão e a solidariedade mútua, como acontecia no famoso grupo londrino”. *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1990 (P598, p. 10).

27. Idem, ibidem (P598, p. 11).

28. J. M. Ferreira indica que essas informações foram colhidas de “Marcelino Ritter no ‘rodapé’ de Literatura do Suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* da edição de 23 jan. 1951” (idem, ibidem, P598, p. 11).

probabilidades objetivas”. A seguir afirma: “Entre as vantagens sociais daqueles que nasceram num campo, está precisamente o fato de ter, por uma espécie de ciência infusa, o domínio das leis imanentes do campo, leis não escritas que são inscritas na realidade em estado de tendências e de ter o que se chama em *rugby*, mas também na Bolsa, o *sentido do jogo*” (2004, p. 27, grifos do original). Bourdieu ainda menciona o fato de que um campo, qualquer que seja ele, é objeto de luta, quer seja em sua representação ou em seu caráter real. “Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (2004, p. 29). Essas estratégias visam à conservação ou à transformação da estrutura e as pessoas a ela vinculada tendem a conservá-la, enquanto conservam sua própria posição.

Thales de Andrade era, na ocasião, professor recém-formado e empossado na Escola Rural em Porto Ferreira, na Estação do Banharão. Em outras palavras, acabara de adentrar no campo educacional e demonstrava, em seguida, suas pretensões literárias ao grupo “bloomsbوريانو”. Essa intenção poderia estar relacionada, inicialmente, ao artigo “Instrução e Agricultura” publicado em 1911 no jornal *O Monitor* da “Escola Complementar de Piracicaba, onde então estudava” (Arroyo, 1968, p. 191). Thales, nesse sentido, procuraria adentrar nos campos da literatura e da imprensa apresentando aos seus companheiros, Sud Mennucci e Lourenço Filho – que inicialmente quiseram se ver livres de tal encargo –, a versão manuscrita do seu livro *Saudade*²⁹. Os amigos – já conhecidos desde 1915 quando lecionavam juntos no Grupo Escolar de Porto Ferreira – reconheceram o valor daquele livro e, a exemplo do espírito que prevalecia no grupo, fizeram muito pela divulgação da obra, especialmente Sud Mennucci, tecendo críticas elogiosas, salientando o valor literário e destacando um assunto que lhe era caro, “a excelência da vida agrícola sobre a vida urbana” (idem, p. 189).

29. Jose Maria Ferreira. “Thales de Andrade e o Bloomsbury Caipira”, *Jornal de Piracicaba*, 15 nov. 1990 (P598, p. 10).

4.3. *Academias de Letras*

As referências da aproximação ou identificação de Thales de Andrade aos intelectuais piracicabanos também surgem nos registros relativos aos seus vínculos com as entidades institucionalizadas em Piracicaba e em São Paulo. A Academia Piracicabana de Letras surge como referência no texto de Evaldo A. Vicente de *O Diário*, publicado em 1972³⁰, no qual o autor informa que, por ocasião de sua instalação³¹, por iniciativa do folclorista João Chiarini, um dos 85 acadêmicos, Silvio Ferraz de Arruda escolheu Thales Castanho de Andrade para patrono. O próprio Arruda, em outro artigo, comenta o posicionamento do autor em relação à academia:

Por ocasião da constituição da Academia Piracicabana de Letras [Thales] abdicou de sua cadeira em prol de nosso nome “para estimular o ingresso da juventude” naquele novel sodalício. Sem o querer mais uma vez confirmava o feliz epíteto criado pelo saudoso professor Joaquim do Marco: Imortalizado sem academia³².

Em outro texto selecionado para as *pastas*, o acadêmico da entidade paulista, Pedro Ferraz do Amaral, em sessão de 13 de outubro de 1977, ao prestar homenagens ao escritor e educador Thales de Andrade, menciona o seu “pioneirismo” em relação à produção da literatura infantil no Brasil. Afirma que “*A filha da floresta* antecedeu de três anos a publicação de ‘Narizinho Arrebitado’ que é de 1921 (aliás, a edição do ‘Jornal’ [*de Piracicaba*, o qual publicou o conto] é de 1918)”. O registro também salienta a ausência do autor naquela casa ainda que, nas pala-

30. Evaldo A. Vicente. “Thales por que você deixou Piracicaba?”, *O Diário*, 19 mar. 1972 (P597, pp. 6-7). Data verificada posteriormente junto ao IHGP. No volume P597, apenas partes do nome e da data desse jornal piracicabano estão legíveis no topo da página.

31. Segundo a edição de *O Diário*, 14 mar. 1972, verif. IHGP, a instalação da Academia Piracicabana de Letras ocorreu em 11 mar. 1972.

32. “Thales de Todas as crianças”. *Tribuna Piracicabana*, 12 out. 1977 (P597, p. 26). Na *pastas* sem indicação de data ou jornal. Verif. IHGP.

bras do escritor e jornalista Pedro Ferraz do Amaral, “a Academia Paulista de Letras – soube cultivar a memória de Thales de Andrade, um escritor que teria ingresso ali, se sua modéstia não o tivesse impedido de lhe bater às portas”³³.

Outras referências esparsas nos recortes relacionam Thales às academias. Seguem dois exemplos delas: uma anunciando homenagens recebidas por ele na Academia Paulista de Letras e na União Brasileira de Escritores, no texto de Adriano Nogueira, *O centenário e a obra de Thales de Andrade*³⁴; e outra reportando uma sessão magna em homenagem ao autor, na qual seria dada a posse a trinta novos acadêmicos³⁵, na Academia Piracicabana de Letras.

4.4. *Textos de Thales de Andrade nas Pastas da Hemeroteca*

Aos diversos tipos de materiais relacionados nas *pastas*, que vão erguendo e mantendo, pelas referências cruzadas, os perfis de Thales de Andrade, pode-se acrescentar a sua própria memória descrevendo suas experiências pregressas de aluno, de professor e de autor de literatura infantil. Acrescente-se a essas memórias pessoais, descrições e homenagens, feitas a pessoas de sua convivência, ou evocações de figuras do passado em diversas homenagens. Assim, o próprio autor aparece como um dos “construtores” de perfis.

Da mesma forma que os jornalistas citados anteriormente destacam a figura de Thales como um homem das letras, esse autor salienta aspectos que considera relevante nos perfis que ele próprio constrói em textos escritos para jornais da cidade. A série “Fumaças...”, publicada principalmente no *Jornal de Piracicaba*, abrange o período de 22 de fevereiro de 1970 a 23 de julho de 1970, segundo a ordem a seguir:

33. Pedro Ferraz do Amaral. “Thales de Andrade – o iniciador da literatura infantil no Brasil”, *Jornal de Piracicaba*, 25 nov. 1977 (P597, p. 29).

34. Adriano Nogueira. “O centenário e a obra de Thales de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1990, *Presença*, n. 14, ano II, p. 6 (P598, p. 15).

35. “Thales de Andrade, imortalizado sem Academia”. *O Diário*, 16 fev. 1978 (P597, p. 30).

Veículo impresso	Título	Data
<i>O Diário</i>	Um valente	22 fev. 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Maestro ao mestre-maestro	26 fev. 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Um salvador	18 mar. 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Candura	4 abr. 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Supremo	13 maio 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Bem-aventurado!	4 junho 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Templo do saber	12 julho 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Gratidão	23 julho 1970
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Diamante-brilhante	Não consta
<i>Jornal de Piracicaba</i>	Saudades sempre vivas ³⁶	5 fev. 1975

A maior parte dessa produção, oito dos dez textos identificados – três inseridos no volume P597 e sete no volume P599 –, foi publicada no ano de 1970. Um dos textos não está datado no volume P599, embora tenha uma diagramação semelhante às outras, o que também poderia indicar o seu pertencimento ao mesmo período. A última matéria relacionada como sendo de autoria de Thales é datada de 1975.

Assim, suas produções, recortadas para as *pastas*, originaram-se, de maneira geral, em uma mesma época, sugerindo que, em certa medida, as descrições de determinados elementos de seus próprios perfis foram por ele produzidos ou resultariam, em alguns casos, das diversas e reiteradas proposições atribuídas ao autor e à sua obra desde os anos de 1920.

As homenagens, uma das características básicas dos textos, são eleitas como um dos temas considerados relevantes ao autor e assim surgem como referência: à produção agrícola, quando se menciona José Vizioli e Mário Dedini; à música, no caso dos maestros Luiz Dutra e Antão Fernandes; à escola, quando em “Candura” relembra o diretor do

36. Não é identificado como parte da série “Fumaças”, entretanto, tem o mesmo objetivo: relembrar pessoas que considerava dignas de homenagens. Em questão, a ex-aluna Antonieta Losso.

colégio em que estudou as suas primeiras séries do ensino primário e ao mencionar o diretor geral do Departamento de Educação, José Mário Paes (sic) Azanha. Amadeu Castanho, combatente florianista, também recebe uma homenagem, estando o tema, dessa vez, identificado aos valores nacionalistas.

No texto “Templo do saber”, a respeito da Escola Complementar de Piracicaba, Thales de Andrade faz uma aproximação com o ruralismo, se bem que por via indireta. No momento em que narra o encontro da “Noiva da Colina” – Piracicaba – com um “Senhor” – “Pretérito, Presente, Porvir” –, este último lhe diz: “Convido-a para visitarmos uma ESCOLA de sua PIRACICABA – *Constituição, Meca do Ruralismo, Terra do Amor*”³⁷.

Nessa mesma matéria, outro tema caro ao autor aparece com clareza. Passeando pela cidade, as duas personagens visitam “O Templo do saber”, a escola que tornou possível a formação de milhares de pessoas mencionadas, por suas diversas profissões, no texto. Por suas portas, assistem à saída de numerosos jovens “exprimindo júbilo, apresentando pergaminhos nas mãos levantadas”. São os “ELEITOS para o MAGISTÉRIO”. Ao final da narrativa, segue-se um cálculo aproximado de quantos alunos o autor teria formado como professor considerando o seu tempo de magistério. Conclui, em nota, que ignora “o número de diplomas, desde a primeira turma [formada na escola], em 1900” e afirma a seguir: “o autor destas linhas, no curso primário, secundário, normal e de contabilidade, deu aulas a 5.200 alunos”³⁸.

Thales de Andrade, noutro texto, aborda mais claramente as suas intenções ruralistas articuladas com o tema da educação. Em “Gratidão”, de 23 de julho de 1970³⁹, descreve a sua trajetória como professor e também os motivos da escolha dos temas que desenvolveria em seus

37. Thales Castanho de Andrade. “Templo do Saber”, *Jornal de Piracicaba*, 12 jul. 1970, grifos do original (P597, p. 4).

38. Thales Castanho de Andrade. “Templo do Saber”, *Jornal de Piracicaba*, 12 jul. 1970 (P597, p. 4).

39. Thales Castanho de Andrade. “Gratidão”, *Jornal de Piracicaba*, 23 jul. 1970 (P597, p. 5).

textos. Conta que, ainda no 4º ano da Escola Normal primária de Piracicaba, em 1911, escreveu para “O mentor”, a revista escolar, um artigo “lembrando a conveniência de haver algum entrosamento, nas escolas da zona rural, entre INSTRUÇÃO E AGRICULTURA”. A seguir, afirma que o fato de ser neto de lavradores, de haver passado temporadas em sítios e ainda de “nutrir desejo de cursar a ‘Luiz de Queiroz’, possivelmente influíram de modo a simpatizar-me pela gente e pelas coisas dos campos”. Acrescenta observações acerca da convivência entre crianças campestres e dos alunos da cidade.

Em Jaú, ao iniciar o magistério, na “Escola Rural da Estação do Banharão”, o autor afirma que teve “para a leitura dos meninos o livro *achincalhador do roceirinho*”. Embora não tenha prevenido a sua turma, constata “o espanto, a indignação e os ‘estrilos’ contra a ‘mentirosa’ caçoada que os atingia”, relembando a observação que fez da “exclusão de crianças campestres nos livros escolares infantis”. Dessas reflexões nasceria o livro que faria essa inclusão. Ele próprio fala do êxito de *Saudade*: “Publicado em 1919 e adotado, a seguir, nas escolas do país inteiro, consagram-no moções, medalhas, músicas, poesias, teatralizações, comemorações, festas, versões para *Braille*, Latim e Tirolês” (idem, *ibidem*).

Esse êxito também pode ser medido no assunto referente ao título do texto. O seu objetivo seria fazer um agradecimento ao então diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, o educador José Mário Paes (sic) Azanha. Na oportunidade, o livro *Saudade* foi escolhido “por uma comissão de doutos vernaculistas” que o examinou e “acolheu-o, extraiu-lhe trecho para texto de exame de Português à admissão aos ginásios estaduais” (idem, *ibidem*). Assim, o resgate da trajetória profissional do autor e do livro, nessa ocasião, foi apresentado para ilustrar a sua importância que, após “MEIO SÉCULO” (destaque do autor) de existência continuava a servir como material de trabalho para a educação.

Em “Candura”⁴⁰, o autor recorre à memória da infância para, a um só tempo, descrever seus primeiros anos no Grupo Escolar de Piracicaba-

40. Thales Castanho de Andrade. “Candura”, *Jornal de Piracicaba*, 04 abr. 1970 (P599, p. 15).

ba e homenagear o diretor daquela época. Ele teria salvado Thales de uma situação vexatória. Após o período de férias do primeiro ano, viu-se na mesma série anterior, sendo encaminhado pelo diretor que entrou na sala de aula, na qual Thales se recusava a sentar-se, para a nova turma:

[...] autor de PLANTAS, ótimo livro de leitura “suplementar” em escolas primárias. [...].

Um educador perfeito!

Padrão de candura!

Descer às crianças para ouvi-las, auscultar-lhe a “alma”, atender-lhe os queixumes, perdoar-lhes as peraltices, defende-las em suas razões e direito, guiá-las, enfim, humana e cristãmente.

Cândido Corte Brilho, o diretor, novamente seria lembrado quando, ““uma boa estrela’ [...] permitiu [a Thales de Andrade] tornar o benquista PATRONO DO GRUPO ESCOLAR TÍPICO RURAL DE CHICÓ”⁴¹.

Outras homenagens são encontradas nos textos “Supremo”⁴², “Bem-aventurado”⁴³ e “Diamante-brilhante”⁴⁴, todos os três dedicados à memória de Mário Dedini, um imigrante italiano que, nos anos de 1920, tornou-se um dos pioneiros da indústria açucareira e, segundo o autor, “foi Patrono e Benemérito de meio milheiro de instituições culturais, científicas, literárias, artísticas, piás, noticiosas, beneficentes...”. Thales salienta que, “depois de ardorosas lutas para a conquista do *poder* e da *riqueza*”, Mário Dedini ainda “se ateve ao ideal de Bilac: ‘Ser forte para ser bom. Ser rico para ser generoso!’”⁴⁵.

41. *Jornal de Piracicaba*, 4 abr. 1970. Destaques do autor. Lembramos que Thales ocupou os cargos de inspetor do Ensino Rural; assistente técnico do Ensino Rural; diretor geral do Departamento de Educação e, no governo de Ademar de Barros, atinge o ápice da carreira, em 1948, sendo nomeado para secretário de Estado dos Negócios da Educação.

42. Thales Castanho de Andrade. “Supremo”, *Jornal de Piracicaba*, 13 maio 1970 (P599, p. 16).

43. Thales Castanho de Andrade. “Bem-Aventurado”, *Jornal de Piracicaba*, 4 jul. 1970 (P599, p. 27).

44. Thales Castanho de Andrade. “Diamante-Brilhante”, *Jornal de Piracicaba* (P599, p. 18). Não consta data na *pasta*.

45. Thales Castanho de Andrade. “Bem-Aventurado”, *Jornal de Piracicaba*, 4 jul. 1970 (P599, p. 27). Destaques do autor.

“Um valente”⁴⁶ presta homenagem a Amadeu Castanho, o primeiro editor da *Gazeta de Piracicaba*, que em sua juventude havia fugido para São Paulo “a fim de enfileirar-se com os voluntários florianistas”.

“Maestro ao mestre-maestro”⁴⁷ homenageia Luiz Dutra, maestro da “Banda Azarias de Mello”, em um tempo em que “a gente só ouvia música e canto, diretamente dos próprios músicos tocando e cantores cantando”. O autor narra a chegada à cidade de um outro maestro, Antão Fernandes, e a homenagem ao seu antigo mestre, o citado Luiz Dutra.

Finalmente, em “Um salvador”⁴⁸, Thales de Andrade cita o nome de José Vizioli, a quem um dono de engenho na região de Itaicoara atribui o sucesso dos empreendimentos em torno da produção açucareira. Vizioli é identificado, nas palavras desse proprietário, como o “SALVADOR”, pois foi “quem reergueu os canaviais decadentes pelo mosaico”. O nome de José Vizioli foi também relacionado à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), pois a Estação Experimental de Cana junto à essa instituição assim seria denominada. Thales relembra o fato e dessa forma presta a sua homenagem também à escola agrícola, atualizando a importância da instituição ao mencionar a instalação de um novo órgão a ela vinculado.

Enfim, considerando as descrições do próprio Thales, as inferências que faz em relação à sua obra literária e às suas ações como educador, verifica-se certo grau de identificação nos conteúdos das demais matérias das *pastas*, tanto aquelas “construtoras” dos perfis, quanto as que se referem às homenagens.

Talvez a série “Fumaças...” tenha devido o seu nome em virtude da busca de Thales pelo resgate de uma memória que se desvanecia. Mas é evidente que ao fazê-lo, nos artigos da série, o autor adota um procedimento que inverte o sentido do título atribuído a esse conjunto de textos. Em vez de deixar desvanecer, esses escritos contribuíram para a

46. Thales Castanho de Andrade. “Um valente”, *O Diário*, 22 fev. 1970 (P599, p. 17).

47. Thales Castanho de Andrade. “Maestro ao Mestre-Maestro”, *Jornal de Piracicaba*, 26 fev. 1970 (P599, p. 19).

48. Thales Castanho de Andrade. “Um Salvador”, *Jornal de Piracicaba*, 18.03.1970, (P599, p. 20).

construção da sua futura memória. Muitos dos temas desenvolvidos pelo autor vão sistematicamente se repetindo nos demais textos encontrados nas *pastas*. Seus autores incorporam novos conceitos, como o de ecologia, às representações acerca de Thales de Andrade, reelaborando e reatualizando os assuntos que o escritor desenvolveu em suas produções para o *Jornal de Piracicaba*. Seria, nesse sentido, ele próprio, indistintamente, o “autor” ou mentor das produções que contribuiriam para os empreendimentos dos perfis, dele e de outras personalidades que adquiriram certa relevância para a história da cidade.

5. O autor e a cidade

As *pastas* da hemeroteca que foram apresentadas caracterizam-se pela fragmentação da informação, do significado e, em certa medida, por sua descontextualização. São recortes de jornais agrupados em volumes artesanalmente elaborados, formando, assim, uma outra materialidade organizada sobre novo suporte. As dispersões de vozes desses discursos transcritos adquirem novos sentidos ao receberem a ordenação proposta nas *pastas*. Tornam-se diferentes porque serão, necessariamente, parciais em relação ao seu suporte anterior. Tem-se, portanto, um material que, muitas vezes, não guarda traços de identidade com as publicações originais. Ao ser formatado nas *pastas*, como outro veículo de comunicação, perde sua característica inicial, ou porque informações de identificação foram omitidas, eliminadas ou esquecidas, ou porque no novo suporte adquiriu outra dinâmica em decorrência de um ritmo diferente de apresentação, pois oferece de modo inédito, em relação à sua origem, uma seqüência ininterrupta à leitura de informações sobre Thales de Andrade.

Considerada essa caracterização, algumas questões se impuseram na confecção deste texto que pretendeu indicar as possibilidades de reordenação de recortes – observadas pelo historiador da educação interessado em um autor e educador – na demonstração de discursos voltados a um determinado sentido: a elaboração de perfis surgidos das matérias impressas pelos jornais piracicabanos. Uma delas apresentou-se

na explicação dessas construções e representações dentro de um quadro confiável de verificação bibliográfica. Algumas matérias recortadas deixaram de ser fragmentos soltos apenas após confrontação com os arquivos dos jornais do IHGP. Outra questão se interpôs pela constante repetição de diversos textos. Nesse aspecto, o conjunto de *pastas* também ajuda a consolidar um novo sentido, dessa vez pela reiteração. A mesma informação poderia sugerir ao leitor que aquela notícia rerepresentada constituiria um texto relevante e que, justamente por isso, deveria ser apreciado com mais vagar. Além dos textos reproduzidos diversas vezes, os conteúdos das informações e apreciações sobre Thales também se repetem nos recortes.

O próprio material colhido e o tratamento a ele dado impõem alguns limites importantes a serem observados na análise e provocam questionamentos significativos. Particularmente, no que diz respeito aos perfis, seria prudente considerar que o seu delineamento não avança além das representações circunscritas ao grupo de autores piracicabanos. Alguns elementos do material investigado, se confrontados com outros, de diferentes origens, para contrastá-los com a convergência das vozes anunciadas nos recortes, redimensionariam-nos tanto no que diz respeito às construções discursivas quanto ao que se refere à elaboração das facetas das personalidades tratadas.

Dois exemplos podem ilustrar essa proposição: o primeiro referente à discreta presença do autor nas agremiações literárias, ao menos naquelas em que ele é citado, a Academia Paulista de Letras e a Academia Piracicabana de Letras. Por meio de alguns textos das *pastas*, verificou-se o sutil afastamento do autor de *Saudade* dessa última entidade. O motivo seria “estimular o ingresso da juventude”, tal como descreve Silvio de Arruda? Se não esse, qual outro? Estaria relacionado a uma atitude “caipiracicabana”, como afirmaram o próprio Arruda⁴⁹, Ferreira, Melges, entre outros, e, nesse sentido, funcionando como uma estraté-

49. O termo, evidentemente, é elaborado com a mistura das palavras caipira e Piracicaba. Arruda o explica dando exemplo de expressões freqüentes como “baita” e “sim senhor” (P597, p. 10).

gia discursiva? E por que declinar de espaço tão significativo para sua própria carreira como escritor?

O segundo exemplo pode ser colhido em torno das construções de facetas do autor, especialmente a que destaca, no contexto das *pastas*, as assertivas do ruralismo e da tendência “ecológica”, a serviço de um determinado modelo social agrícola. Posto dessa maneira, o livro *Saudade* seria, em virtude das suas características, uma dessas sugestões da identificação de Thales de Andrade, ora como ruralista, ora como um dos pioneiros da ecologia no Brasil. Os clubes agrícolas e de horticultura também colaborariam, nessa perspectiva, para o reforço dessas marcas.

Tanto a primeira quanto a segunda assertiva receberiam novos matices ao serem confrontadas a outras fontes de informações externas à cidade. Entretanto, essas mesmas fronteiras estabelecidas – quer seja pelos diversos textos constantes das *pastas*, quer seja pelos escritos do autor no mesmo conjunto de documentos – indicam o seu pertencimento à Piracicaba. Trata-se, portanto, de uma coesão discursiva, a qual explicita as relações de Thales com sua cidade, no que se refere às suas atuações junto aos diversos grupos com os quais conviveu: os intelectuais, a escola, a academia. A projeção da própria carreira literária, ou a sua atuação como educador, nesse sentido, ficaria em segundo plano, pois ao mesmo tempo em que sua menção funciona para informar ao leitor da importância de Thales, reafirma o seu lugar como interlocutor de outras vozes de expressão local. Da mesma forma, ao determinar as marcas de atuação circunscritas ao seu lugar social, todos os autores, incluindo Thales de Andrade, contribuem para o fortalecimento da idéia de sua própria monumentalização.

As reflexões, em torno das *pastas* envolvendo o autor e educador Thales de Andrade, indicaram também que ele próprio contribuiu para a construção do seu perfil – ainda que em uma época tardia em relação à sua produção literária e carreira profissional –, ao mesmo tempo em que elaborava os perfis de outras personalidades, pela recorrência à sua própria memória e de outros. Indicaram ainda as possibilidades e limites de confecções de perfis em recortes de jornais e demonstraram o papel dos próprios jornais, servindo como veículos na reafirmação dessas construções.

Por fim, encontram-se no conjunto de documentos verificados, independentemente de elaborações de perfis e/ou de seus graus de aprofundamentos, os relatos das facetas de Thales de Andrade como escritor e como educador. Como escritor, deu a sua contribuição para a história da literatura, pois sua obra se constituiu em um dos marcos para as primeiras décadas do século XX. Como educador, além de sua prática, pôde ser consultado por meio de seus livros que tinham como público leitor as crianças escolarizadas. E, na perspectiva das *pastas* de recortes aqui destacadas, Thales também foi educador na medida em que construiu sua própria memória e de outras personalidades em seus artigos. Memória esta que, ao ser apropriada, voltou a circular nas décadas seguintes sob a identidade de outros autores.

6. Referências bibliográficas

6.1. Fontes Primárias

Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto” – Hemeroteca: Pastas de Recortes de Jornais sobre o tema: Thales Castanho de Andrade. Vol.: P597; P598; P599.

Arquivo de Jornais do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

6.2. Livros

ANDRADE, Thales de. *Vida na roça*. 13. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

_____. *Saudade*. 56. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.

_____. *Encanto e verdade*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ARRUDA, Silvio Ferraz de. Perfis II – Thales Castanho de Andrade. *Jornal de Piracicaba*, 7 maio 1974, P597.

BICCAS, Maurilane Souza; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino. In: CARVALHO, Marta Ma-

ria Chagas de; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 63-91.

BOURDIEU, Pierre. Algumas Propriedades dos Campos. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, p. 89-94.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Bárbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales Castanho de Andrade: uma história verdadeira*. Piracicaba: Editora Degaspari, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CATANI, D. B. Memória e biografia: “O poder do relato e o relato do poder” na história da educação. In: CATANI, D. B. *Ensaios sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994, p. 77-93.

_____. A memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão. In: _____. *História da educação*. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, n. 4, p. 119-129, set. 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Brasil, Lisboa/RJ: Difel/Bertrand, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, Cynthia Pereira de (org.). *História da educação: Processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 95-112.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

MATE, Cecília Hanna. *Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. Bauru: EDUSC; Brasília: INEP, 2002.

NAGLE, Jorge. *A educação na Primeira República*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PEREIRA, Gilson R. de M. *Servidão ambígua: valores e condição do magistério*. São Paulo: Escrituras, 2001.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. *Os passos do saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX. In: KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

SILVA, José Cláudio Sooma. *A Reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais (Rio de Janeiro, 1927-1930)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*. 4. ed. São Paulo: Global, 1993.

Endereço para correspondência:

Fernando Luiz Alexandre

Rua Giuseppe Tartini, s/n – Rua 09, Casa 211

Cj. Res. Palmares, Jardim dos Manacás – São Paulo-SP

CEP 04847-900

E-mail: feluiz@estadao.com.br

Recebido em: 31 jan. 2006

Aprovado em: 10 set. 2006